

Voz oculta a contar histórias

Escritores e escritórios se especializam em escrever biografias

abem como fazê-lo

DANIELA MATA MACHADO

Dizem que, durante a vida, todo mundo tem que plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Mas muita gente esbarra nesse último projeto porque, para registrar as memórias, não basta ter uma história. O administrador de empresas Antônio Tonidandel, por exemplo, sempre quis perpetuar para as próximas gerações os casos do Bar do Tula, fundado por seu avô, o italiano Victório Tonidandel, há 60 anos, no bairro São Cristóvão. "Mas eu acho que para escrever um livro é preciso uma pessoa que consiga transformar uma frase em cinco páginas, coisa que eu não sei fazer", explica.

Há cerca de um mês, Antônio descobriu que um dos frequentadores do bar, Osias Ribeiro Neves, havia se tornado um *ghost writer*, ou seja, um especialista em colocar no papel as histórias que outras pessoas gostariam de registrar. Ele apenas organiza as idéias do verdadeiro autor do livro e escreve aquilo de forma que a história fique clara e atraente para o leitor. Antônio, que vai assinar a obra, procurou a empresa de

Osias, Escritório de Histórias, e já deu suas primeiras entrevistas ao escritor. Seu intuito é vender entre os clientes do bar sexagenário o livro que conta as memórias do estabelecimento.

Mas a maior parte das pessoas que procuram os serviços de um *ghost writer* quer mesmo é escrever sua autobiografia.

Martins, um dos sócios da Central do Brasil Ghost Writer, conta que a maioria de seus clientes é formada por pessoas idosas, que querem registrar suas histórias para as futuras gerações de suas famílias. "Poucos têm a intenção de vender esses livros", informa, "a maioria edita tiragens pequenas, para dar de presente aos parentes".

O processo de trabalho dos escritores, em geral, é feito através de entrevistas gravadas e depois transcritas. "Usamos uma linguagem coloquial e muito discursiva, sem mudar quase nada no texto da própria pessoa".

Para Osias, é fundamental que o *ghost writer* seja um bom ouvinte e que dê até mesmo o "sotaque" da pessoa à história escrita. O proprietário do Escritório de Histórias não trabalha a partir de textos prontos. Tem uma metodologia que inclui entrevistas iniciais e questionários posteriores com cada interessado